

## Mulheres e experiência religiosa – um lugar de encontros\*

Por Elaine G. Neuenfeldt

### Resumo:

A proposta desenvolvida neste artigo é levantar algumas discussões metodológicas que apontam caminhos no resgate das práticas e experiências religiosas das mulheres, testemunhados nos textos bíblicos do Antigo Testamento. A reflexão se restringe aos referenciais metodológicos que possibilitariam novos acessos interpretativos aos textos bíblicos.

### Palavras-chave:

mulheres na Bíblia; hermenêutica feminista; experiências e prática religiosas de mulheres; Antigo Testamento

Minha aproximação está centrada numa perspectiva que diz que as práticas e experiências das mulheres acontecem, em grande parte, no mundo doméstico ou caseiro e são ligadas a temas que brotam deste contexto, como, por exemplo, comida, vestimentas, ou a preocupação com a fertilidade humana, dos animais e da terra, ou ainda com momentos limítrofes da vida, como o nascimento, o parto, a gravidez ou a morte. No entanto, por acontecerem em espaços domésticos, por usarem de objetos ou materiais deste espaço e desenvolverem performances próprias deste ambiente, não é possível estabelecer mecanismos de controle; por isso, as mulheres têm seus rituais condenados pela religião assim chamada oficial.

Elas não têm acesso aos espaços e mecanismos de produção do religioso e sagrado oficial. Por isso, suas práticas acontecem no âmbito privado, doméstico,

---

\* Este artigo faz parte da minha tese de doutorado, cujo título é: Práticas e experiências religiosas de mulheres no antigo Israel. Um estudo a partir de Ez 8 . 14-15 e 13. 17-23.

popular. Mas, essa separação entre o que é oficial e popular, privado/doméstico e público não pode ser tomada de uma forma rígida e fixa. As práticas religiosas são caracterizadas pela mobilidade e pelos trânsitos e transgressões de fronteiras. Portanto, o que é oficial pode ser relido em outros espaços e tornar-se popular, caseiro, doméstico, e o que é caseiro, familiar, pode ser incorporado e cooptado pela oficialidade.

Algumas abordagens sobre a participação das mulheres nos espaços religiosos no antigo Israel explicitam esta perspectiva limitada que localiza as mulheres exclusivamente no espaço doméstico. A partir dos resultados que trazem um ponto de vista masculino, androcêntrico, pretende-se universalizar conceitos e normas para toda a comunidade, incluindo as mulheres (como um grupo supostamente homogêneo), bem como outros grupos marginais. Desta forma, conclui-se que o culto era espaço masculino, onde somente os homens tinham acesso e poder, restringindo o espaço sagrado ao templo/santuário (na maioria das vezes referindo-se ao templo em Jerusalém). Estes estudos enfatizam os grandes feitos, como os muros, os templos, as paredes, os pilares. Enquanto isso, os buracos, as barrigas, os seios, as jarras, as panelas, as colchas, os fios, os tecidos ficaram relegados no esquecimento, na escuridão dos porões das universidades e dos institutos que empreendem as grandes pesquisas arqueológicas. Os índices dos livros que tratam a história da religião do antigo Israel são uma evidência desta ênfase.

O acesso cúltico das mulheres é restrito, (inter)ditado por normas e regulamentações, os textos que registram a sua participação nos espaços oficiais são poucos e estão enquadrados e formatados nos moldes e cânones permitidos desta oficialidade. Se o acesso aos espaços oficiais de produção, de simbologias e de significados é regulamentado, os textos que trazem a participação feminina no culto ou em práticas religiosas irão refletir, em grande probabilidade, os ajeitamentos das práticas para dentro de um quadro permitido, aceito e harmonizado. Um desafio está em analisar os textos onde as práticas das mulheres recebem condenação; onde as

mulheres são repreendidas por exercerem funções religiosas, por atuarem em espaços que não deveriam estar. Um caminho se delineia em tratar as práticas inseridas e inscritas na rede de relações sociais, das quais fazem parte, e ao mesmo tempo desenvolvem um papel ativo de tessituras sociais, religiosas, culturais, econômicas e políticas.

A pergunta pelas experiências religiosas das mulheres implica em ampliar o próprio conceito do que é considerado o campo religioso. Perguntar pelas mulheres na história da religião do antigo Israel não requer somente buscar as experiências escritas, registradas na memória oficial do cânon. Implica perguntar pelas vozes ilícitas, pelas condenadas, pelas mal amadas, pelas amarguradas, pelas choradeiras, pelas que se lamentam, pelas que se silenciam ou são silenciadas.

As manifestações populares, que não se enquadram nos limites do templo, da oficialidade ou não cabem no tapete do altar, são classificadas como práticas marginais - religião camponesa, rural, de grupos leigos, dos pobres, das mulheres e, portanto, são pagas, sincréticas, associadas com ídolos, com os cultos da fertilidade, com adivinhação, magia, feitiçaria. Ao construir este esquema, encaixota-se a religião popular no mundo pagão e encerra-se a religião do antigo Israel na descrição dos textos escritos.

O desafio é aproximar-se da religião com os potes na mão, com as panelas abertas, com as colchas estendidas. Entender a religião como um fio na trama da configuração social implica entender a cultura como sistema aberto, e a religião como parte dos sistemas sociais mais amplos; implica entender a religião como espaço onde as misturas podem acontecer, onde acontecem movimentos de influências mútuas, de rejeição, de amálgama e de continuidades.

Na análise dos textos bíblicos que tratam das experiências e práticas religiosas das mulheres, o uso de conceitos que advém do campo das ciências religiosas ampliam as portas de entrada ao próprio testemunho bíblico.

O referencial de significações em torno do conceito **sincretismo** é um terreno onde os referenciais bíblicos podem enriquecer as abordagens do campo religioso. O uso do termo é problemático, pois carrega uma experiência histórica marcada pela exclusão e pela falta de diálogo na abordagem da pluralidade de experiências religiosas. Atualmente, para a discussão das relações ecumênicas, outros termos têm se mostrado mais apropriados para manifestar a abertura, a convivência, a partilha e a ajuda mútua no âmbito das religiões. Termos como diálogo, inculturação, *bricolage*, transversalidade são usados para analisar as questões de trânsitos religiosos. Contudo, a perspectiva adotada aqui, não é de apropriar um conceito, mas antes, entender as dinâmicas dos movimentos.

Constata-se que o termo sincretismo é estreito demais para abraçar as diferentes manifestações e as diversidades das experiências religiosas dos diferentes grupos no antigo Israel. A tentativa de harmonizar e homogeneizar as diversidades é um perigo que se aponta ao usar a idéia de processos sincréticos na configuração religiosa do antigo Israel. Na perspectiva de analisar as experiências religiosas das mulheres, a partir de um instrumental metodológico que misture os diferentes níveis e tipos de manifestações religiosas presentes na conformação social e cultural do antigo Israel, é necessária a ampliação da idéia de fenômenos sincréticos. Ao perguntar pelo viés popular, oficial, ortodoxo, heterodoxo e sincrético, requer-se um movimento que vai além da simples sobreposição ou junção de práticas religiosas. As práticas religiosas são abordadas desde uma perspectiva que preserva as suas especificidades, mas que, ao mesmo tempo, busca entender os processos de amálgama e diálogo com outras manifestações religiosas, provocando uma mistura ou *hibridização* do campo religioso.

André Droogers, discutindo o conceito de sincretismo e suas implicações para as ciências das religiões, aponta limites e perspectivas que ainda podem iluminar a abordagem proposta aqui, neste estudo<sup>1</sup>. O autor, traçando definições do

---

<sup>1</sup> André DROOGERS, *Sincretismo*. p. 139-150.

termo, assinala duas possibilidades. Uma abordagem é a que se centra na preocupação pela pureza de religião e a ameaça de qualquer mistura por práticas provindas de outras religiões. Outra é a que busca uma construção de religião universal, unindo todas as formas de manifestações religiosas. Ambas as possibilidades apresentam suas limitações e torna-se necessário buscar ampliações e problematizações.

Contudo, é válida a assertiva que conceitos e definições não se encerram em si mesmos, mas devem servir como recursos na compreensão de fenômenos. O que se quer com a utilização dos conceitos é a compreensão de um “quadro geral de transformações religiosas”<sup>2</sup>.

O sincretismo pode ser visto como aquela parte do processo de transformação de símbolos religiosos em que a inspiração para esta mudança vem de fora, quer de uma outra religião ou de outras religiões, quer da estrutura social ou da sociedade secular. Trata-se não só da mistura de idéias ou práticas religiosas, mas da atividade do homem (sic) que brinca com os símbolos da sua própria religião e com o de outras religiões.<sup>3</sup>

Uma problematização da significação dos sincretismos é discutida pelo antropólogo cultural italiano, Massimo Canevacci. Para o autor, que desenvolve seu conceito a partir de viagens culturais a diversos contextos distintos da realidade brasileira, o conceito assume uma face criativa, misturada e não-conciliada. A sua proposta vê,

no sincretismo cultural a chave de abertura de um método e uma visão do mundo, em direção a produtos culturais contaminados e híbridos, em direção a uma dialética privada quer das apologias sintéticas, quer dos irreduzíveis antagonismos: mas plural, suja, experimental, serial, marronizada, descentrada. Uma dialética sincrética e de diáspora.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> André DROGGERS, *Sincretismo* . p. 146-147.

<sup>3</sup> André DROGGERS, *Sincretismo* . p. 148.

<sup>4</sup> Massimo CANEVACCI, *Sincretismos* , p. 8.

As experiências religiosas das mulheres, testemunhadas nos textos bíblicos e que recebem condenação, por não se enquadrarem nos limites da oficialidade, podem ser analisadas neste jeito de definir sem enclausurar, polarizar e fixar o que é marcado pela mobilidade. Nesta forma de abordar as experiências religiosas, estas são definidas a partir do sincretismo, na medida que este atropela, dissolve e remodela a relação entre os níveis alheios e os familiares, entre os da elite e os de massa das culturas contemporâneas.

Com o sincretismo, apresenta-se um cenário mundial onde a “clareza” das oposições binárias retrocede a um passado maçante e excessivamente simplificado. A agonia da homologação, tão demoradamente elaborada pela esquerda (e não somente), agora pode ser confinada nos estacionamentos da história das idéias...<sup>5</sup>

Aqui se localiza a questão das experiências religiosas das mulheres e a sua localização no âmbito popular, familiar e doméstico, com uma caracterização sincrética. As experiências das mulheres, como ponto de partida do fazer teológico, são sagradas e definidoras de identidade. O cuidado que deve ser tomado reside no risco de sacralizar a realidade com suas limitações, suas exclusões e suas dicotomias. Resgatar as experiências das mulheres, enquanto sagradas e cotidianas, se movimenta no limite da incorporação das mulheres nos modelos estruturais patriarcais, reforçando as dicotomias sagrado/profano, heterossexual/homossexual, branco/negro, masculino/feminino e das vozes, gestos, símbolos ou silêncios de resistência.

Cada tradição religiosa é construída a partir do diálogo e da interação com outras experiências. Este processo é criativo na medida em que vai estabelecendo os marcos e limites no caminho a ser percorrido. Este caminho é demarcado pela memória, pela tradição e pelos elementos e fatores presentes na realidade em que vivem os grupos. Este foi um caminho percorrido pelos grupos sociais que conformam o antigo Israel. Este processo foi acompanhado pelos movimentos de

---

<sup>5</sup> Massimo CANEVACCI, *Sincretismos*, p. 13.

poder e de forças, pelos conflitos, pelas resistências, pelos silêncios e silenciamentos que moldaram o texto fixado no cânon<sup>6</sup>.

O estudo das experiências das mulheres é marcado por opções metodológicas e epistemológicas que privilegiaram as perguntas, as dúvidas, as suspeitas, os movimentos, as transgressões. As experiências religiosas que são então resgatadas inserem-se nesta perspectiva de heterogeneidade e pluralidade. É o que Ivone Gebara chama de biodiversidade religiosa.

A biodiversidade religiosa é a acolhida profunda das diferentes tapeçarias e é um exercício de ultrapassar nossas pretensões de que um só grupo deva ser o portador da verdade única e, portanto, poderia dar-se o direito de apresentar receitas salvíficas para todos. A biodiversidade religiosa implica uma postura de humildade a partir da qual não pode haver poderes absolutos que comandem o sentido da vida ou a arte de tecer sentidos e evocar presenças que nos são caras.

A biodiversidade exige o trabalho de tecedores e tecedoras, exige a diferença de inspiração, de pontos, nós, desenhos, linhas, cores, agulhas e mãos<sup>7</sup>.

Ao situar a religião na trama das relações sociais, é possível estabelecer um movimento de resgate das experiências religiosas das mulheres. O caminho metodológico adotado permite que as experiências do âmbito da negação e do silêncio sejam analisadas a partir de outros espaços onde as mulheres exerçam protagonismo, especialmente as funções ligadas às expectativas de seu gênero. O exercício de suspeita e de leitura nas entrelinhas, especialmente iluminado pelo estudo do contexto das culturas circundantes, localiza estas práticas em âmbitos que praticam a religião na casa, no espaço familiar e doméstico.

Assim, a experiência religiosa das mulheres é marcada pela mobilidade, pela capacidade de transgredir as fronteiras, de ultrapassar os espaços e limites definidos.

---

<sup>6</sup> Erhard GERSTENBERGER, *Theologies in the Old Testament*, p. 273-281.

<sup>7</sup> Ivone GEBARA, *Teologia Ecofeminista*, p. 108.

É uma experiência que traz inscrita uma perspectiva integral e não fragmentada, pois parte da vida cotidiana. A relação com a divindade acontece a partir deste espaço doméstico, caseiro e familiar. É a vivência de um Deus familiar, próximo, que se mistura com as preocupações da vida cotidiana. Como na oração de Ana, em 1 Samuel 1.9ss, no qual a oração é um exercício de corporeidade, um diálogo que envolve estômago, ventre e lágrimas, as práticas religiosas das mulheres se dizem e acontecem, misturando-se com os corpos que dançam, que batem palmas, que choram, que riem, que exalam cheiros e cores, que estão nas ruas, nas comunidades, nos grupos, nas praças.

## **Bibliografia**

CANEVACCI, Massimo. Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais. São Paulo : Studio Nobel/ Instituto ilatiano di cultura/Instituto cultural ítalo-brasileiro, 1996.

DROOGERS, André. Sincretismo. Estudos Teológicos. São Leopoldo, ano 21, Número 3, p. 139-150, 1981.

GEBARA, Ivone. Teologia Ecofeminista. Ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo : Olho d'água, 1997.

GERSTENBERGER, Erhard. Theologies in Old Testament. Minneapolis: Fortress, 2002.